

RELAÇÕES DE PARENTESCO
E TRIPULAÇÕES PISCATÓRIAS

Abordagem sociológica
na freguesia de Rabo de Peixe,
S. Miguel - Açores

por
RICHARD POLLNAC *
FRANCISCO CARMO **

Introdução

Quando se propõem alterações, ao nível de qualquer sector produtivo da economia, é importante compreender o relacionamento social existente entre cada um dos trabalhadores envolvidos. Os grupos de trabalho com que os indivíduos estão pessoalmente identificados criam tal satisfação e segurança psicológica que inovações consideradas como ameaça das estruturas destes grupos, encontram frequentemente resistência (Foster 1973). Entre os pescadores de embarcações de pequena escala, as inovações tecnológicas podem alterar drasticamente a composição do grupo (cf. Fraser 1966, Pollnac 1976). Além disso, alterações que

* Professor da Universidade de Rhode Island.

** Professor da Universidade dos Açores.

limitem o acesso aos bens podem impedir também o acesso a alguns membros do grupo que normalmente encontrariam emprego nesta profissão (Gersuny and Poggie 1973). Estes indivíduos iriam ser impossibilitados de exercer aquilo que normalmente consideram ser um direito, o que por certo viria causar resistências à introdução das novas regras¹.

Outro aspecto tem a ver com a possível introdução de equipamentos, tais como guinchos, que são de molde a reduzir a mão-de-obra necessária em cada embarcação. Em sociedades onde as relações de parentesco são critério para a selecção dos membros duma tripulação, as mudanças tecnológicas, que impõem a contracção de tripulações alargadas, tendem a ser rejeitadas ou usadas ineficientemente. Um caso recente relacionado com este problema foi referido por pescadores de pequena dimensão na Malásia. Sabri (1977) observa que, embora a instalação de guinchos levasse a reduzir o número de pescadores necessários em cada embarcação, o número habitual dos tripulantes mantinha-se para garantir o emprego aos membros de toda a família; assim, o capital investido em novo equipamento não foi compensado com a redução do esforço dispendido pela tripulação. Noutra zona da Malásia, porém, onde o número de tripulantes foi reduzido resultou o aumento significativo do desemprego (Yap 1977), e, com ele, o grau de estratificação social na comunidade piscatória. Parece-nos, pois, que a correcta percepção destes

¹ Este facto põe em realce o que vem sendo apontado em estudos vários realizados em áreas geográficas diferenciadas (ROGERS, E., *Diffusion of Innovations*, New York, The Free Press of Glencoe, 1962; *Modernizations among peasants. The Impact of Communication*, New York-Chicago: Holt, Rinehart and Winston, 1969. POLLNAC, R., *Sociocultural cocomitants of Techno-Economic Change*, Anthropological Working Paper n. 10, 1976. CARMO, F., *Inovações, Mudança Social e Factor Religioso. Estudo Sociológico na Ilha de S. Miguel (Açores)*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores).

problemas conexos com a estrutura social dos pescadores irá facilitar a definição de políticas e planos que poderão minimizar alterações sociais e aumentar a probabilidade de que as mudanças propostas serão bem sucedidas.

As relações de parentesco desempenham um papel importante e variado na estrutura do sector da pesca em todo o mundo. A importância das relações de parentesco entre os grupos de pescadores tem sido largamente citada na literatura referente a regiões tão afastadas umas das outras como o Ghana (Quinn 1971), Perú (Sabella 1974), Micronésia (Knudson 1970), Panamá e Costa Rica (Pollnac e Ruiz-Stout 1977; Pollnac 1981), as Ilhas Faroe (Blehr 1963), Ulithi (Lessa 1966), e as Índias Ocidentais (Aronoff 1967). O bom relacionamento numa embarcação é um requisito essencial para que o trabalho seja bem sucedido no mar e, se os membros da tripulação forem da mesma família, ainda pode suscitar um maior grau de cooperação dentro do grupo. Outros factores podem contribuir igualmente para incrementar a formação de tripulações baseadas no parentesco. Gladwin (1970), por exemplo, refere que, entre os Mfante do Ghana, as tripulações de barcos com núcleos familiares são mais estáveis do que aquelas que não têm qualquer relação de parentesco entre si. Na Moala as relações de parentesco implicam a partilha e o empréstimo de equipamento, por exemplo barcos (Sahlins 1962), enquanto na Tikopia as canoas pertencem oficialmente ao chefe de família, mas na realidade são de todos os membros do grupo (Firth 1965). Sabella (1974) observa que a adopção de parentes em tripulações de pescadores de pequena escala do Perú tem frequentemente como objectivo conseguir que a produção do barco reverta para os familiares.

Situações há, todavia, em que as relações de parentesco têm pouca ou nenhuma influência na composição da tripulação. Glacken (1955) refere que os membros da família pescam em diferentes barcos em Okinawa, o que

(757 Km²) com 131.908 hab. (1981). Na sua totalidade as nove ilhas têm 243.410 hab. (1981). A sua distribuição por sectores de actividade é a seguinte: 31,4 no primário, 25,3 no secundário e 43,2 no terciário (1981).

A pressão demográfica levou a uma forte emigração ao longo dos anos; a maior parte dos emigrantes deslocam-se para os Estados Unidos e Canadá (White and Pollnac 1979). A emigração dos Açores em 1981 foi de 2554 HM cabendo à ilha de S. Miguel 1536 (60,1%). A emigração média anual entre 71/81 foi de 6617 (DREPA, Junho/84, p. 89 e 86).

A amostra para este estudo foi recolhida em Rabo de Peixe², uma freguesia localizada na costa norte de S. Miguel entre Calhetas e Ribeira Sêca e a 5 Km da sede do Concelho — Ribeira Grande, com uma população de 6409 hab., a segunda maior freguesia dos Açores (a primeira é Arrifes — S. Miguel com 6916 hab. do concelho de Ponta Delgada, 1981)³. Recolheram-se em amostragem aleatória (N=48) 15% dos chefes de família. Rabo de Peixe concentra um dos maiores núcleos de pescadores da Ilha de S. Miguel, a maior parte dos quais vivem numa parte da

² Do topónimo RABO DE PEIXE refere o historiador das Ilhas: «... Além do Morro, está um biscoutal de pedras, parte dele estéril e outra prantada de boas vinhas, até chegar ao lugar de Rabo de Peixe, que distará da Ribeira Grande uma légua chamado assim por estar situado em uma ponta de terra e penedia, que sai ao mar, parecendo rabo de peixe, de que o lugar tomou o nome; ou, como outros, porque se achou ali no princípio, junto ao mar, um peixe muito grande, sem se saber que peixe fosse... foi dependurado o rabo dele em um pau e dali a dias perguntando a um de donde vinha respondeu que do rabo do peixe» (FRUTUOSO, G., *Saudades da Terra*, Livro Quarto, vol. II, Ponta Delgada, 1981, pp. 113-114).

³ Os dados deste estudo agora com alguma actualização, e que se integram num Inquérito mais amplo, foram recolhidos pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores com a colaboração dos alunos da área de Ciências Sociais cujo trabalho e empenhamento se reconhece.

freguesia junto à costa⁴. A separação entre pescadores e lavradores é bastante acentuada. Foi referido que ainda não há muito tempo estes dois grupos se sentavam em lugares distintos na Igreja quando assistiam à missa. Os pescadores de Rabo de Peixe eram considerados dos habitantes mais pobres da Ilha e dos mais carecidos de assistência⁵.

Os pescadores de Rabo de Peixe pescam em barcos de boca aberta cujo tamanho varia entre os três e os doze metros de comprimento ($\bar{X} = 7.8$; $s = 2.7$). As embarcações maiores são movidas na sua maioria por motores interiores a diesel, a maior parte dos quais com a potência de 22.5 cavalos. Os mais pequenos são movidos por motores fora de borda a gasolina, com a potência de 5 a 7.5 cavalos. Um pescador da amostra pescava numa embarcação a

⁴ Em S. Miguel os portos mais importantes pelo volume do pescado descarregado (1985) são os seguintes: Doca-Ponta Delgada (3 710 toneladas = Ton. (24,2%); Rabo de Peixe 874 Ton. (5,7%); Ribeira Quente 851 Ton. (5,6%); Vila Franca 800 Ton. (5,2%). A *percentagem* é em relação ao conjunto dos portos da Região Açores. É de notar que, nos Açores, nenhuma freguesia há exclusivamente piscatória. As que se dedicam a tal actividade são rurais-piscatórias. Em Rabo de Peixe uma e outra componente são geográfica e comportamentalmente identificáveis (DREPA, *Situação Socio-Económica*, 1988, p. 41).

⁵ Assim o confirmava um estudo de 1955 e que dá pormenores do seu estilo de vida. «De dia, grande parte da vida faz-se na rua: os rapazes e os homens ao pé do cais remendando redes, consertando qualquer peça do barco... ou preparando o engodo; as mulheres e as raparigas às portas das casas cosendo, fazendo redes ou tagarelando. De noite a maior parte desta gente tem apenas para dormir um colchão no chão ou um bocado de esteira, cobrindo-se com um pedaço de manta no fio...» (BRITO, Raquel S., *A Ilha de S. Miguel*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1955, p. 149). Embora admitindo que muitas coisas se tenham vindo a modificar outras há que aguardam ainda soluções adequadas (está nessa linha o projecto «Ruptura de um Ciclo»).

remos. Os pescadores das embarcações maiores geralmente usam redes que são puxadas manualmente; por esta razão a tripulação é relativamente grande, entre 6 a 16; as embarcações mais pequenas têm somente entre 2 a 5 tripulantes. A média do número de tripulantes por embarcação representada na amostra é de 8.6 com um desvio padrão de 4.8. Dos pescadores entrevistados 67% usam redes.

A média etária dos pescadores entrevistados é de 42 anos ($\bar{X}=42.1$; $s=12.8$) e o número médio de dependentes do seu agregado familiar é 7 ($\bar{X}=7.3$; $s=3.1$) com idades compreendidas entre os 2 e os 16 anos. A média de anos de escolaridade anda à volta de um ano ($\bar{X}=0.9$; $s=1.6$). Esta média, porém, não reflecte o facto de que 71% dos elementos da amostra não tinham habilitações literárias, enquanto os outros 29% tinham de 3 a 4 anos de escolaridade (actualmente a cédula marítima só é concedida a quem tenha habilitações de 6.^a classe).

2. Relações de parentesco e pesca

Algumas das muitas perguntas feitas aos pescadores entrevistados foram as seguintes: a) Quantos pescadores, além deles, habitam a sua casa; b) Quantos membros da sua família pescam com eles na mesma embarcação; c) Quais as ligações de parentesco que eles têm com os outros membros da tripulação a que pertencem. Os resultados da análise das respostas, a estas questões, são apresentados em seguida.

Em primeiro lugar só 39% dos pescadores entrevistados afirmaram que outros membros da família, co-habitando a mesma casa, são pescadores. Dada a dimensão relativamente grande dos agregados familiares, em combinação com o facto de que os chefes de família são pescadores, é estranha esta percentagem relativamente baixa. Além disso existe só mais um ou dois pescadores ($\bar{X}=1.5$

para além do entrevistado), dentro dos agregados familiares com mais de um pescador.

Em segundo lugar, de entre os tripulantes com ligações de parentesco nas tripulações, apenas 15% mencionou que pescava com não parentes.

Pela leitura dos dados se verificou que o grau de parentesco mais frequente entre os membros das tripulações é entre pai e filho. Dos pescadores entrevistados 41% referem que pescam numa tripulação na qual existe pelo menos um filho, enquanto 9% pescam com o pai. No todo, os graus de parentesco directo⁶ são os mais frequentes entre as tripulações de Rabo de Peixe, compreendendo mais do que 50% das relações de parentesco testemunhadas. Além disso, quase metade dos pescadores entrevistados (46%) dizem que as tripulações a que pertencem são compostas só por pessoas com quem eles têm uma relação de parentesco directa e com quem não têm qualquer ligação de parentesco.

A outra relação de parentesco mais importante nas tripulações de pescadores de Rabo de Peixe é a existente entre primos. Quase $\frac{1}{4}$ dos pescadores referem que pescam com pelo menos um primo. Em geral, 38% dos pescadores dizem que pescam com colaterais. Isto contrasta com o que se passa com um pouco mais de $\frac{1}{4}$ de pescadores que pescam com alguém ligado pelo casamento (uma ligação de parentesco por afinidade)⁷. É interessante verificar que

⁶ Grau de parentesco em *linha directa* refere-se aos membros da família nuclear (pai, mãe, irmã, irmão, filho, filha, bem como avós e netos do entrevistado). Parentesco *colateral* refere-se aos outros parentes consanguíneos. Parentes *por afinidade* são todos aqueles que estão ligados pelo casamento.

⁷ Adicionalmente se perguntava também *Se a esposa ou filhos ajudam alguma coisa na pesca (venda, limpeza, contas, etc.)*. Responderam 27% afirmativamente. E mais se apurou: o *ter em conjunto com outros pescadores qualquer peça ou máquina*, como

nenhum pescador referiu só *afinidades* entre a tripulação com a qual manifestam alguma relação de parentesco. Verificou-se finalmente que quase $\frac{1}{3}$ dos pescadores dizem pescar com vários tipos de parentes, isto é, directos, colaterais e/ou por afinidade⁸.

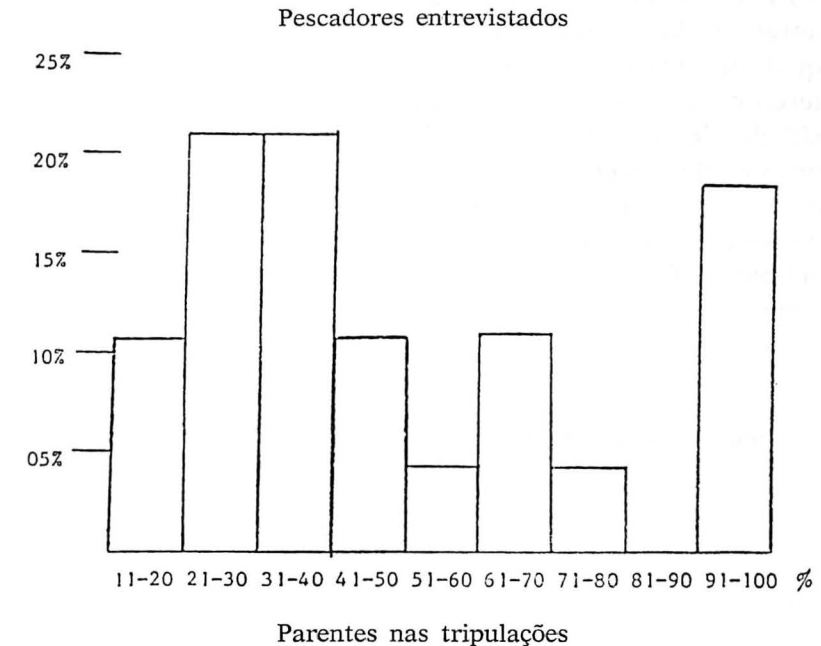
É igualmente importante examinar a percentagem de parentes em relação com o todo da tripulação. Esta informação é apresentada no *Gráfico*. O gráfico ilustra a densidade da tripulação relacionada por parentesco só para os pescadores que dizem pescar com algum parente. Por exemplo, daqueles pescadores que dizem pescar com alguns parentes, 11% dizem pescar numa tripulação cuja com-

forma de cooperação, mereceu respostas aproximadas de *sim* e *não* (46% e 54% respectivamente). Mas as razões dadas por que *não* querem cooperar para tal efeito distribuem-se numa lista grande de que se apontam alguns itens: o que é meu, é meu; não gosto de ter nada a meias; isso só dá chatices; porque não dá certo; para não ter responsabilidades, por causa da inveja; porque o que ganho é só para mim; porque não se fia dos outros; não tem idade para isso; o barco é pequeno. etc. Os que responderam *sim* pensam que *poderiam encontrar outros pescadores dispostos a cooperar consigo*. E a disposição dos entrevistados de cooperar com outros seria só *com parentes* (41%) ou *com parentes e não-parentes* (59%). Estas posições que não dão grande ênfase à cooperação não são significativamente diferentes das que assumem os agricultores na mesma área conforme revelou uma sub-amostra do estudo (cf. POLLNAC, R. e CARMO, F., *Attitudes Toward Cooperation among Small-Scale Fishermen and Farmers in Azores*, in «Anthropological Quarterly», vol. 53, n. 1, 1980, pp.12-19).

⁸ Em estudo circunscrito à freguesia rural-piscatória de Ribeira Quente (Ilha de S. Miguel) verifica-se, pela análise das cédulas marítimas, que cerca de 70% dos membros de uma *companha* são da família do mestre tanto por linha directa como colateral e que as companhas são grandemente estruturadas no respeito pela hierarquia e pelos valores de solidariedade *familiar e grupal* (GONÇALVES, R. L., *Eutopia e Emigração*, in «Arquipélago» (Revista da Universidade dos Açores), série *Ciências Sociais*, n. 1, 1986, p. 117).

Gráfico

Distribuição percentual de parentes nas tripulações



posição inclui entre 11 e 20% de parentes do entrevistado incluindo-o a ele próprio no número. A mediana das categorias de resposta situa-se entre 21 e 40%; 42% dos entrevistados estão nesta categoria. É importante notar que todos os pescadores na categoria de 91 a 100% pescam com tripulações compostas na sua totalidade por parentes. Passando à relação existente entre a densidade de parentes nas tripulações e a dimensão da mesma, 83% das tripulações com 9 ou mais membros ($\bar{X}=8.6$) situam-se entre ou abaixo das categorias da densidade mediana. Todas as tripulações com menos de 9 elementos apresentam uma relação de parentesco superior à mediana.

É importante lembrar que esta medida de densidade de parentesco refere-se aos membros da tripulação parentes do pescador entrevistado. Várias tripulações são compostas por vários grupos ou tipos de parentes. Os dados apresentados acima indicam que, em média, só 15% de qualquer tripulação não terá qualquer relação de parentesco com os outros membros da tripulação; assim, a densidade de parentesco medida na base de dois ou mais grupos de parentes iria provavelmente ser significativamente mais alta do que as densidades de um só grupo de parentesco já relativamente elevada, como se referiu acima⁹. Infelizmente a técnica de amostragem usada neste estudo não fornece informação que permita calcular a densidade de múltiplas relações de parentesco.

3. Sumário e conclusões

A informação apresentada acima indica a existência de um número significativo de laços de parentesco dentro das tripulações de pescadores de Rabo de Peixe. A existência destes laços de parentesco dentro dos grupos de trabalho mostra que modificações na pesca, que afectem

⁹ Sem referência directa à condição de parentesco mas querendo saber de alguns modos de relacionamento entre eles ou com outros procurava-se ainda saber: *Se tivesse problemas ou dificuldades na pesca a quem iria pedir informação ou conselho? Na freguesia ou fora dela?* As respostas, em referência à freguesia, foram trinta e especificam: aos mais velhos e experimentados — 7, ao dono do barco e ao mestre — 7, ao Cabo do Mar — 6, aos companheiros, vizinhos e amigos — 6; fora da freguesia vinte e uma respostas e que referem sobretudo Capitania do porto — 10 e Casa dos pescadores — 8. Dos pescadores da amostra aqui estudada, refira-se como informação, poucas são as inovações realizadas ultimamente (motor, linhas de trolley, cabo de aço, rede de rolo) mas os que as fizeram consideram-nas satisfatórias.

ou reduzam a dimensão do grupo, encontrarão resistência ou serão adoptadas ineficientemente se tal situação implicar o despedimento de parentes. Para além disso, tensões sociais dentro das tripulações tenderão a aparecer entre os grupos diferentes de parentes se as reduções afectarem de maneira desigual os componentes da tripulação.

Quando confrontados com alternativas deste tipo: terem bom relacionamento com os parentes e manterem-nos no emprego, ou desemprego destes com as animosidades consequentes (que os pescadores teriam de suportar de qualquer maneira), os pescadores normalmente rejeitam ou adoptam ineficientemente as técnicas que reduzam, assim, a mão-de-obra. Daí que, quaisquer alterações futuras no sector das pescas em Rabo de Peixe, que afectem a dimensão ou estrutura das tripulações, devem ser avaliadas em função da intensidade dos laços familiares existentes entre as tripulações. As mudanças a introduzir devem implicar alternativas aceitáveis para os parentes afectados, sob pena de não serem bem sucedidas.

A cooperação mais alargada, necessária para o desenvolvimento, será conduzida por processos adequados que tenham em conta o perfil dos grupos (na lógica do que foi referido) e as suas envolventes socio-culturais.

Bibliografia

- ARONOFF, J. (1967) — *Psychological Needs and Cultural Systems*. Princeton: D. Van Nostrand Co., Inc.
- BLEHR, O. (1963) — «Action groups in a society with bilateral kinship: a case study from the Faroe Islands». *Ethnology* 2: 269-275.
- BRITO, R. S. de (1955) — *A Ilha de S. Miguel. Estudo Geográfico*. Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.
- DIAMOND, N. (1969) — *K'un Shen: A Taiwan Village*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- DREPA (1984) — *Análise Demográfica 1970-1981*. Angra do Heroísmo.
- DREPA (1988) — *Situação socio-económica*. Angra do Heroísmo.
- FOSTER, G. (1973) — *Traditional Societies and Technological Change*. New York: Harper and Row.
- FIRTH, R. (1966) — *Malay Fishermen* (2nd Ed.). Hamden, Connecticut: Archon Books.
- (1965) — *Primitive Polynesian Economy*. London: Routledge and K. Paul.
- FRASER, T. M. (1966) — *Fishermen of South Thailand*. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc.
- FRUTUOSO, G. (1981) — *Saudades da Terra*. Livro Quarto, vol. II, Ponta Delgada.
- GERSUNY, C. and J. POGGIE (1973) — «The Uncertain Future of Fishing Families». *The Family Coordinator* (April): 241-244.
- GLACKEN, C. J. (1955) — *The Great Loochoo*. Berkeley: University of California Press.
- GLADWIN, H. (1970) — *Decision making in the Cape Coast (Fante) Fishing and Fish Marketing System*. Ph. D. Dissertation, Stanford University.

- GONÇALVES, R. L. (1986) — «Eutopia e Emigração. Abordagem micro-sociológica na freguesia da Ribeira Quente, S. Miguel», in *Arquipélago* (Revista da Universidade dos Açores), série *Ciências Sociais*, n. 1, Ponta Delgada.
- KNUDSON, K. E. (1970) — *Resource Fluctuation, Productivity, and Social Organization on Micronesian Coral Islands*. Ph. D. Dissertation. University of Oregon.
- LESSA, W. A. (1966) — *Ulithi: A Micronesian Design for Living*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- MCGOODWIN, J. R. (1976) — «Society, Economy, and shark fishing crews in rural northwest Mexico». *Ethnology* 15: 377-391.
- NORR, K. (1972) — *A South Indian Fishing Village in Comparative Perspective*. Ph. D. Dissertation, University of Michigan.
- POLLNAC, R. B. (1981) — «Kinship links among small-scale fishing crews in the Gulf of Nicoya, Costa Rica» in (Pollnac and Stinen, eds.) *Small-Scale Fisheries in Central America: Acquiring Information for Decision Making*. University of Rhode Island: International Center for Marine Resource Development.
- (1976) *Continuity and Change in Marine Fishing Communities. A State-of-Art*. Paper prepared for U.S.A.I.D.
- (1976) «Sociocultural Concomitants of Techno-Economic Change», *Anthropological Working Paper* No. 10.
- POLLNAC, R. B. and R. RUIZ-STOUT (1977) — «Kinship links among small-scale fishermen in The Republic of Panama» in (R. Pollnac, ed.) *Panamanian Small-Scale Fishermen*. Kingston, R. I.: International Center for Marine Resource Development.
- POLLNAC, R. and CARMO, F. (1980) — «Attitudes Toward Cooperation Among Small-Scale e Fishermen and Farmers in The Azores» in *Anthropological Quarterly*, vol. 53, n. 1.
- QUINN, N. R. (1971) — *Mfantese Fishing Crew Composition: A Decision Making Analysis*. Ph. D. Dissertation, Stanford University.
- SABELLA, J. C. (1974) — *The Fishermen of Caleta San Pablo*. Ph. D. Dissertation, Cornell University.

SABRI, J. (1977) — «Small-scale fisheries development in peninsular Malaysia — Problems and prospects» in (B. Lockwood and K. Ruddle, eds.) *Small-Scale Fisheries Development: Social Science Contribution*. Honolulu: East-West Center.

SAHLINS, M.D. (1962) — *Moala: Culture and Nature on a Fijian Island*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

WHITE, F. and R. POLLNAC (1979) — *Sociocultural aspects of attitudes toward emigration in the Azores*. Paper delivered at the Annual Meeting of the Society for Applied Anthropology, Philadelphia, PA.

YAP, C. L. (1977) — «Trawling: its impact on employment and resource use on the west coast of peninsular Malaysia». in (B. Lockwood & K. Ruddle, eds.) *Small-Scale Fisheries Development: Social Science Contribution*. Honolulu: East-West Center.